



EÇA DE QUEIRÓS - biografia

“ É um escritor clássico porque é um jornalista moderno. Não se distanciou: tomou como seus os factos e as personagens vistos e recriados. Absorveu o espírito do tempo e devolveu-nos, num jornalismo feito literatura e numa literatura feita jornalismo, uma herança cultural soberana entre as demais. Cumpriu a promessa a que se propôs. E nós? Temo-la respeitado? Sobretudo, temo-la honrado?”
Baptista Bastos

José Maria de **Eça de Queirós** nasceu em 1845, a 25 de Novembro, na Póvoa de Varzim.

Era filho do magistrado José Maria de Almeida Teixeira de Queirós e de Carolina Augusta Pereira de Eça. Curiosamente foi registado como filho de mãe incógnita. Até 1855 vive com os avós paternos em Vila do Conde, apesar de o casamento de seus pais se ter realizado quatro anos após o seu nascimento.

Em 1855 matricula-se no Colégio da Lapa, no Porto, do qual é diretor o pai de Ramalho Ortigão, e onde faz a escolaridade obrigatória. Em 1861 matricula-se na Faculdade de Direito de Coimbra. Aqui conhece Teófilo Braga e Antero de Quental, mentor principal da Questão Coimbrã (famoso movimento cultural e político que se opunha frontalmente aos lentes de Coimbra e ao seu ancestral ultra-romantismo, liderado por Castilho). Durante este tempo, Eça acompanha de perto o movimento, mas não escreve em jornais e revistas nem edita qualquer livro, estava antes preocupado com o curso e com as boas classificações.

Eça chega a Lisboa em 1866, bacharel em Direito, e passa a residir em casa dos pais, no Rossio, 26, 4º andar; inscreve-se como advogado no Supremo Tribunal de Justiça. A sua revelação literária acontece a 1 de Outubro desse ano, nas colunas da “Gazeta de Portugal”, dirigida por Teixeira de Vasconcelos, e prosseguiu na “Revolução de Setembro”, de Rodrigues Sampaio. Estes textos foram reunidos nas *Prosas Bárbaras*. No final do ano, parte para Évora, onde funda e dirige o jornal da oposição “Districto de Évora”, mantendo a sua colaboração na “Gazeta de Portugal”.

Em 1867 inicia a sua atividade como advogado. Em Julho deixa a direção do “Districto de Évora” e regressa a Lisboa, retomando a sua colaboração na “Gazeta de Portugal”, de Outubro a Dezembro.

A 23 de Outubro de 1869, parte em viagem como primeiro enviado especial do “Diário de Notícias”, juntamente com Luís de Castro Pamplona, conde de Resende e mais tarde seu cunhado, indo assistir à inauguração do Canal de Suez.

Regressa a Lisboa em 1870 e publica no DN os relatos da viagem com o título “De Port-Saïd a Suez”. Ainda nesse ano é publicado *O Mistério da Estrada de Sintra*, um conjunto de 30 cartas, dirigidas a Eduardo Coelho, diretor do DN, e resultando da colaboração de Eça e de Ramalho Ortigão. A publicação prolongou-se de 24 de Julho a 27 de Setembro de 1870. Em Setembro, Eça presta provas para Cônsul de 1ª classe, ficando classificado em 1º lugar.

Em 1871 é publicado o 1º número de *As Farpas*, dirigido por Eça e por Ramalho Ortigão. Participa nas Conferências Democráticas do Casino Lisbonense, proferindo a 4ª conferência intitulada a “Nova Literatura” ou “O realismo como Expressão de Arte” (Antero de Quental apresentara o programa das Conferências).

Em 1872, Eça é nomeado Cônsul de 1ª classe nas Antilhas espanholas e no fim do ano é empossado no seu cargo em Havana, permanecendo aí dois anos.

Em 1873 viaja pelo Canadá, EUA e América Central.

Publica, no ano seguinte, o conto *Singularidades de uma Rapariga Loura*. É transferido para o consulado de Newcastle.

Em 1875 publica na Revista Ocidental *O Crime do Padre Amaro*, saindo, no ano seguinte, a 1ª edição em livro. Entretanto, conclui *O Primo Basílio*.

Em 1878 é transferido para o consulado de Bristol, publica *O Primo Basílio* e escreve *O Conde de Abranhos*. Inicia a sua colaboração em “A Gazeta de Notícias”, um jornal do Rio de Janeiro.

A 2ª edição em livro de *O Crime do Padre Amaro* surge no ano de 1880, assim como a publicação do folhetim *O Mandarin* e dos contos *Um Poeta Lírico* e *No Moinho*.

Três anos mais tarde, é eleito sócio correspondente da Academia Real das Ciências. Refaz *O Mistério da Estrada de Sintra*.

No ano de 1886, Eça casa com Emília de Castro Pamplona, na Quinta de Santo Ovídio, no Porto.

Em 1887 concorre com *A Relíquia* ao Prémio D. Luís da Academia Real das Ciências, perdendo a favor de Henrique de Mendonça, com a obra “O Duque de Viseu”. Mais tarde publica *A Relíquia*.

Em 1888, é nomeado cônsul em Paris, publica *Os Maias* e algumas *Cartas de Fradique Mendes*.

Seguem-se anos de intensa atividade literária, da qual se destacam, em 1892, a publicação do conto *Civilização*, que mais tarde servirá de base para a obra *A Cidade e as Serras*; em 1894, escreve *A Ilustre Casa de Ramires*, começando a ser publicada em Paris, na Revista Moderna; no número de Novembro, em 1897, é publicado na mesma revista o conto *O Suave Milagre*.

O homem simples e pacato escondia-se atrás da grandiosidade da sua obra e o trabalho exaustivo que os projetos lhe exigiam e nos quais se embrenhava a fundo fragilizaram-lhe a saúde. No dia 16 de Agosto de 1900, Eça de Queirós morre na sua casa de Neuilly, depois de ter procurado inutilmente melhoras para a sua saúde em França e na Suíça.

A 18 de Agosto realiza-se o funeral, apenas na presença da mulher e de alguns amigos.

O governo português tomou providências para a transladação do seu corpo para Portugal, que se realizou a 12 de Setembro. Ficou sepultado no jazigo da família de sua mulher, no Alto de S. João.

A 15 de Setembro de 1989, os seus restos mortais foram trasladados para o cemitério de Santa Cruz do Douro, de onde se pode ver Tormes, a Quinta de Santa Cruz que a esposa herdara e sobre a qual Eça escreveu, quando a visitou pela 1ª vez, em 1892 : “É

extremamente belo. O caminho íngreme e alpestre da estação até à quinta é simplesmente maravilhoso. A quinta está situada num alto, num sítio soberbo - que abrange léguas de horizonte...”.

*A **Fundação Eça de Queirós**, instalada em Tormes, foi criada a 9 de Setembro de 1990 e tem por objetivos divulgar e promover a figura de Eça de Queirós, dinamizar a cultura através de exposições e sessões culturais, encontros, seminários e ainda preservar e valorizar o seu património, destacando o da sua Casa Museu, que serve de residência à sua presidente vitalícia, D. Maria da Graça Salema de Castro.*

Cidália Fernandes